

# RelevO

junho/2020, n. 12, a. 10

- Periódico literário independente  
feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



<div><span>instagram.com</span></div> <div><span>facebook.com</span></div> <div><span>twitter.com</span></div> <div><span>medium.com</span></div>	<h1>/JORNALRELEVO.COM</h1>
<div><b>Assine/Anuncie:</b> O <b>RelevO</b> não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em <a href="http://jornalrelevo.com/assine">jornalrelevo.com/assine</a> e <a href="http://jornalrelevo.com/anuncie">jornalrelevo.com/anuncie</a> ou fale conosco no <a href="mailto:contato@jornalrelevo.com">contato@jornalrelevo.com</a>.</div>	

## Dos custos da vida

ANUNCIANTES:	R\$ 200 Lucas Sanches Lima; R\$ 100 Evandro Nunes da Silva; R\$ 50 Lua Bueno; André Fellipe Fernandes; Kikos Bar
--------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ASSINANTES:	R\$ 500 Celso Martini; R\$ 150 Greicy Bellin; R\$ 120 André Valente; R\$ 105 Jerusa Ramon Grassmann; R\$ 100 Isabella Mazuchin; Saskya Moraes; Jurema Barreto de Souza; Júlia de Carvalho Hansen; Fernanda Dante; Priscila Prado; R\$ 80 Alisson Coelho; R\$ 75 Diogo Richter; Edson Valente; R\$ 70 Estela Basso; Conrado Gonçalves; Wagner Teixeira; R\$ 60 Luísa Burim; Guilherme Bucco; Quinho Castro; Yasmin Bidim; Cláudia Camargo; Simone Nunes; Elza Filha; Cleverson Bravo; José Vecchi de Carvalho; Ítalo Lima; Nathália Isadori Pucha; Mateus Senna;Vitor Zagury; Isabelle Orengo; Gabriel Alencar; André Giusti; Dagmar Spring; Carlos Pessoa Rosa; Julianne Veiga; Mayã Fernandes; Henrique Jr.; Diêgo Laurentino de Carvalho; Marina Dúbia; José Pedro Soares Martins; Gustavo Pereira Rubim; Rosa Acssia Luizari;
-------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<b>(-)</b> <b>DESPESAS VARIÁVEIS</b>	Transporte: R\$ 400 <p>Embalagem: R\$ 65 <p>Correios: R\$ 1.600 <p>Celular: R\$ 200</p></p></p>
<b>(-)</b> <b>DESPESAS ADMINISTRATIVAS</b>	Domínio mensal: R\$ 25
(+) Entradas totais: R\$ 5.074	(-) Saídas totais: R\$ 5.068

**(=) Resultado operacional: R\$ 6**

**TOTAL: R\$ 4.624**

<b>Publique:</b> O <b>RelevO</b> recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O <b>RelevO</b> recebe ilustrações. O <b>RelevO</b> recebe fotografias. O <b>RelevO</b> aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em <a href="http://jornalrelevo.com/publique">jornalrelevo.com/publique</a> ou pelo <a href="mailto:contato@jornalrelevo.com">contato@jornalrelevo.com</a> .	
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

<b>Newsletter:</b> Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em <a href="http://jornalrelevo.com/enclave">jornalrelevo.com/enclave</a> .	
<b>As ilustrações desta edição</b> são de autoria de Maria Barbieri. Você pode conferir mais do trabalho dela em <b>&lt;<a href="http://www.instagram.com/mariadodesenho">www.instagram.com/mariadodesenho</a>&gt;</b> .	

## Junho/2020

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeiro
Ombudsman: Morgana Rech
Revisão: Ramiro Canetta
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 28/05/2020
---------------------------------

## Conselho Editorial

Alexandre Guarnieri
Ben-Hur Demeneck
Bruno Meirinho
Carla Dias
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Enilda Pacheco
Felipe Harmata
Gisele Barão
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

## Dos leitores

### DE CABO, O RABO

**Walter Tabax** Talvez o segundo ou o terceiro, mas o primeiro lido de cabo a rabo. Pego sem querer na Casa do Povo, aqui em SP. Dessa vez a polêmica Roza é uma Roza é uma Roza me fez querer ler tudo. Por todos os outros “jornalecos” (chamávamos assim) ou semanários, ou como queiram, que passaram em minha mão e apenas um de fato guardado (um único número do jornal SOMA que recebi durante o primeiro festival de Águas Claras), fora todos que sumiram, *Pasquim* inclusive, junto com experiências editoriais do grupo que frequentava o Madame Satã, todos os outros que durante a faculdade de Jornalismo na ECA se aventuravam a alguma “revista literária”, tinha as revistas que juntavam quadrinhos, e os diversos e perseguidos jornais políticos hoje provavelmente alcunhados como de tendência ideológica ou chancela imediata de “cumunista vai pra cuba”. E vi que pouca coisa, talvez quase nada, mudou. Continuam sendo experiências de algum grupo que escreve bem vindo de famílias que sustentam essas experiências raramente lucrativas — com algum mecenas próximo ou distante, e sem quase nada de ideia do que fazer da vida a não ser talvez fumar um, encher a cara, arriscar outros ilícitos quaisquer e tentar fazer a vida ser mais interessante. Me pergunto como vai a vida depois do número de janeiro de 2020, provavelmente o último antes da atual pandemia — e profético em alguns textos, quiçá justamente o da Roza. Roza criou um ponto leve de ruptura que ficou ainda mais interessante ao ser sucedido por outro com nomes em minúsculas, frases com sentidos ocultos talvez apenas para o criador do texto com suas Emas, Emmas e Alvoradas — que eu me perguntava: “por que este não passou pelo crivo da edição?” Tudo na vida é tão relativo não? (aqui deveria ter uma vírgula.) Os preciososmos... ah,

**Greicy Bellin** Amei a capa de maio, me lembra “A terceira margem do rio”, do Guimarães Rosa, em que o filho tem que se resignar com a ausência paterna.

<b>OPA</b>
------------

**Emmanuelle Rosa** Vai dormir, editor. Primeiramente, as condições também estão críticas por aqui, queria poder ajudar mais. Caso não tenham feito aquele estorno do PayPal, fica como minha contribuição possível. Seguidamente, ofereço meus serviços de revisão de forma voluntária, caso esteja gastando algo com equipe. (Observação: na penúltima linha do editorial da última edição, faltou uma letra “h” no “há uma década”. Quando li, pensei em vir oferecer e acabei me esquecendo). Por fim, boa sorte e força para nós. Acabou que não foram chiques os perrengues. Abraços.

**Daniel Mittmann** Recebi o e-mail com o relato da situação do Jornal e resolvi escrever. Infelizmente não posso oferecer ajuda monetária nesse momento, que como vocês mesmos mencionam em sua missiva é de incerteza para todos, parece que nessa, infelizmente, todos nós vamos perder. Eu acabo de mandar um e-mail para a imobiliária tentando negociar o valor do aluguel do apartamento onde moro, e olha que parece que a coisa vai só ledeira abaixo. Mas, como já fui muito bem acolhido nas páginas do **RelevO**, pensei que no mínimo umas palavras de solidariedade poderia escrever. E quem sabe ver se não consigo dar um apoio ao jornal divulgando o trabalho para amigos. Farei isso, vou preparar um e-mail para enviar para alguns camaradas que penso que podem vir a se interessar. É no geral, meus caros, como estão as coisas? Como estão as coisas aí na sua cidade? Quarentena? Povo preocupado com o vírus? Muita gente negando? E ah! A capa que enviaram, do número de abril, simplesmente genial.

**Dinovaldo Gilioli** Apesar da turbulência, espero que estejam bem. **RelevO** de março tá supimpa! Destaco “Escadas Rolantes”, de Tamiris Volcean; Lucila Nogueira por Lucas Silos; “Hereditariedade” e “O cio da terra”, de Mariana Cardoso, e “O corpo singular na poesia de Lillian Sais”, de Filipe De Gaspari. Desejo que o corona não peça carona a vocês!

**Natalia Penteado** Espero que esteja tudo bem com todos vocês por aí. Escrevo para elogiar a capa do **RelevO** de abril, que chegou hoje pra mim e encheu o meu coração. Acho que são esses momentos que percebo que são coisas como essa que tornam esse momento mais fácil de ser suportado. Dito isso, imagino que esse momento que estamos vivendo esteja ainda mais difícil pra vocês, decidi antecipar a minha assinatura. Além de colaborar, reforço mais ainda o meu apoio, espero de todo o coração que vocês sigam fazendo dessas coisas bonitas que o mundo precisa. Um abraço, se cuidem!

**Giovana Proença** Que ideia maravilhosa esse jornal! Imagino as complicações no dia de hoje para fazer esse tipo de trabalho, mas nada se compara ao papel! Sou muito fã do trabalho de vocês, adoro o jornal, seriedade e humor bem dosados.

### DERROTADOS PELA QUARENTENA

**Fabiano Faga Pacheco** Eu sei que pode parecer bobagem, mas uma das coisas que mais fiz nessa quarentena foi ler jornais antigos que se acumulavam (acumulam) aqui em casa. No meio deles, após mais de cem edições inteiramente lidas, apareceu um exemplar do **RelevO**. Eu só pensei: outro suplemento cultural para ler! Yupiii (-sqn). Não conhecia (e continuo não conhecendo) o **RelevO**, mas, por algum motivo, eu não desgostei do jornal. Cheguei até a rir. Acredito que esta pandemia não está fazendo bem para a minha cabeça. Tomei a decisão de virar assinante do jornal. Parece que bobagens alimentam o meu cérebro. E encontrei muito disso no **RelevO**.

**Linaldo Guedes** Ontem renovei a assinatura anual do **RelevO**. Não é caro e mantém respirando um jornal que divulga nosso mundo, falo de quem escreve, publica, edita e lê. Hoje recebi a edição mais recente do jornal. Já devorei tudo, com destaque para os textos sobre o fim das humanidades, o fim da crítica especializada e o anúncio de Milton Cruz como presidente interino do Brasil.Você que diz que valoriza a literatura brasileira, assinse o **RelevO**.

**Guímel Bilae** Eu agradeço pela existência de uma publicação feita com tanta excelência e com conteúdo tão emocionante. Me emocionei ao receber o primeiro exemplar, foi uma surpresa da amiga e escritora Jordana Machado, que me presenteou. O cheiro de jornal, a diagramação, as sacadas na descrição do que é jornal, os escritos de Mariana Cardoso... tudo mágico. Foi como voltar nos anos 1980 e ter que levantar pra virar o vinil. Obrigado. O **RelevO** é um presente.

<b>MISERÁVEIS</b>
-------------------

**Gabriel Alencar** Sabe quando a gente chega atrasado numa festa e se sente deslocado? Esse sou eu. Demorei demais pra assinar o jornal e agora mergulhei de cabeça num mundo cheio de gente fantástica e eu tenho medo de não conseguir conhecê-las a fundo. Na edição de março, o texto da Carla Carvalho Alves foi simplesmente fantástico. Na de abril, Greicy Pinto Bellin escreveu um texto tão profundo que abriu novos horizontes pra mim. E é claro, temos o caso ainda do Algum Lucas. Por conta dos textos fascinantes, resolvi procurá-lo por meio de sua página na internet. Ao clicar no link do Instagram, fui parar no perfil da Kim Kardashian; ao clicar no link do YouTube, o safado me fez ouvir Rouge. Um dia eu te encontro, miserável.

### CADÊ?

**Ednelson João Ramos e Silva Júnior** Meus parabéns pelo trabalho de vocês. Sobre a demora na entrega, imprevistos acontecem em qualquer lugar, ainda mais durante uma pandemia.

**Thássio Ferreira** Oba, versão digital pra aliviar a ansiedade (e espalhecer um pouco a cabeça) enquanto não chega a impressa! Muito axé em prosa e verso pra seguir(mos) na luta! Espero que o público do **RelevO** curta meus ursinhos poliwakaz.

**Geraldo Lima** Recebi o meu exemplar. Em meio à pandemia, é um alento ter o **RelevO** como fonte de boa leitura.Vamos resistir. Abraços!

**Kátia Nascimento** Não podemos desistir. Não vamos.

**Claudia Regina Camargo** Resistência é a palavra!

### ENCLAVE

**Walter Alfredo Voigt Bach** As abordagens sobre música são ótimas! Desde a mais pessoal, da trilha sonora dos Cavaleiros do Zodíaco, até essa última, sobre os músicos que partiram há pouco. A escavação vai longe.

**André Fernandes** Adorei a história do Louis Vuitton. O texto quase ri.

**Felipe Gollnick** *É um exercício análogo a entender como a evolução da tecelagem afetou a produção de roupas. É isso!* Belos textos, triste momento, grande newsletter.

**Guilherme Almeida** Tenho curtido muito o city pop japonês — graças ao jornal — e pensado que os anos 1970 por lá devem ter sido lindos.

**Luize Ribas** Depois de ler a Enclave e conhecer *Community*, mais uma série para a lista infinita do que assistir.

**Pedro Araujo** Muito bom receber a Enclave por e-mail! Sensacional, como sempre! Obrigado.

**Elieder Corrêa da Silva** Boa tarde. Perdi os dados bancários do jornal. Mande pra eu poder colaborar e seguir recebendo conteúdo de qualidade. Obrigada e um cordial abraço.

### CENTRAIS E CAPAS

**André Zampier** Irmão do Sócrates nos mostra que também pode seguir uma vertente política via futebol, tal qual a atuação da democracia corinthiana.

**André Cassias** Impressionante as aquarelas do artista Marcos Beccari, parecem fotografias.

**Lucas Leite** Capa maravilhosa.

**Jim Duran** Tomando café e lendo a edição de abril do jornal. As fotografias das capas estão lindas (ainda não terminei a leitura).

**Conrado Gonçalves** não é tempo de pressa.

### RELEVO E MENGÃO

**Mariana Franco Ramos** Já cancelei academia, Clube Smiles, Spotify, Dazn, pacote do banco e Sem Parar. Mantive o Flamengo (com downgrade no ST) por ser gado e as assinaturas do *Plural* e do **RelevO**, cujos valores são simbólicos e abaixo do que gostaria de contribuir. Triste porém orgulhosa.

## EDITORIAL

## Tigre de Papel

Permanecer como o tigre de papel de Jards Macalé e Capinam:

“Meu amor é um tigre de papel
Range, ruge, morde
Mas não passa
De um tigre de papel

Numa sala ausente, meu amor presente
Me prende entre os dentes
Depois me abandona e vai
Definitivamente
Definitivamente
Definitivamente ilude, desilude
Range, ruge, morde
Velho tigre de virtudes

Nas selvas de seu quarto entre florestas
Cartas
Frasas desesperadas
Lençóis
Onde me ama
Furiosas garras

Meu amor me agarra & geme & treme & chora & mata
Um tigre de papel
Perdido nos lençóis da casa
Um tigre perdido
Um tigre de papel perdido”

Em três meses completaremos dez anos. *De tanto andar pelo mundo todo, aprendemos coisas do fundo grande, do que vimos, do que não vimos.* Cada dia em nosso canto, tem outro encantamento, e cada mês em nossas páginas, um pouco de cada tempo, bate na pedra preta, dez anos: “Mas isso faz muito tempo / Sobre o pátio abandonado / Mas isso faz muito tempo / Em doze quartos fechados / Mas isso faz muito tempo / Profetas nos corredores / Mas isso faz muito tempo / Mortos embaixo da escada / Mas isso faz muito tempo”.

Se cuidem. Rimos e também podemos chorar. Uma boa leitura a todos.

## Onde posso encontrar um Jornal RelevO para esboçar um sorriso enquanto leio?

<b>ACRE</b>
<span><span></span></span> <b>Rio Branco</b> Livraria N&S / Livraria Palm / Estante do Livro
<b>ALAGOAS</b>
<span><span></span></span> <b>Maceió</b> Casa de Cultura Luso-Brasileira
<b>AMAPÁ</b>
<span><span></span></span> <b>Macapá</b> Livraria Diniz
<b>AMAZONAS</b>
<b>Manaus</b>
<span><span></span></span> Kalena Café
<span><span></span></span> O Aliengena Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira
<b>BAHIA</b>
<b>Salvador</b>
<span><span></span></span> Bolo-Cor-de-Rosa / Midialouca / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Paseo Itaigara) / Leitura Vale do Aço
<b>Jacobina</b>
<span><span></span></span> SerTão Livraria & Café
<b>Juazeiro</b>
<span><span></span></span> Papelaria e Livraria Officium
<b>Ilhéus</b>
<span><span></span></span> Badaub
<b>Lauro de Freitas</b>
<span><span></span></span> Livraria Dom Casmurro
<b>Porto Seguro</b>
<span><span></span></span> O Livreiro de Porto Seguro
<b>Vitória da Conquista</b>
<span><span></span></span> Livraria LDM / Criativa
<b>CEARÁ</b>
<b>Fortaleza</b>
<span><span></span></span> Livraria Lamarca / Sebo Ellenia / Livraria Arte & Ciência / Livraria Silará
<b>Juazeiro do Norte</b>
<span><span></span></span> Sebo Solaris
<b>DISTRITO FEDERAL</b>
<b>Brasília</b>
<span><span></span></span> Banca da Concoção / Livraria, Café e Bistrô Sebrinho / Centro de Vivência
<span><span></span></span> Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Martinica Café / Vicelli
<span><span></span></span> Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT / Espaço f/508
<b>Celândia</b>
<span><span></span></span> Jovem de Expressão
<b>ESPIRITO SANTO</b>
<b>Vitória</b>
<span><span></span></span> Torre do Papel. / Multilivros Livraria & Papelaria
<b>Dores do Rio Preto</b>
<span><span></span></span> A Cafeteria
<b>Guarapari</b>
<span><span></span></span> Banca da Lua
<b>São Mateus</b>
<span><span></span></span> Livraria Sebo & Arte
<b>GOIÁS</b>
<b>Goiânia</b>
<span><span></span></span> Evói Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária
<span><span></span></span> Café Carino / Ateliê Pizza Café Arte
<span><span></span></span> Café S/A
<b>MARANHÃO</b>
<span><span></span></span> <b>São Luís</b> Livraria Poeme-se / Sebo Arterio / Sebo Papiro / Livraria Moderna / Livraria Tempo de Ler
<b>MATO GROSSO</b>
<b>Cuiabá</b>
<span><span></span></span> Bazar do Livro Matriz / Sebo Rua Antiga / O Chapeleiro Café Sebo / Sebo Raro Ruído
<span><span></span></span> Metade Cheio / Tchê por Discos
<b>Araputanga</b>
<span><span></span></span> Espaço Gaveta
<b>MATO GROSSO DO SUL</b>
<b>Campo Grande</b>
<span><span></span></span> Livraria Le Parole / Livraria Oceano / Maciel
<b>Dourados</b>
<span><span></span></span> Companhia dos Livros / Canto das Letras

<b>MINAS GERAIS</b>
<b>Belo Horizonte</b>
<span><span></span></span> Armazém do Livro / Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Ubuntú / Editora UFMG / Quicote / Livraria do Belas
<span><span></span></span> Café do Palácio / Café 104
<span><span></span></span> Espaço Guaji
<b>Rajubá</b>
<span><span></span></span> Lume Livraria / Sebo Bis
<b>Juiz de Fora</b>
<span><span></span></span> Livraria Contraponto
<b>Montes Claros</b>
<span><span></span></span> Conversos Café. Bar e Livraria
<b>Passa Quatro</b>
<span><span></span></span> Cava Livro
<b>Poços de Caldas</b>
<span><span></span></span> Travessa Cultural
<b>Ponte Nova</b>
<span><span></span></span> Banca Palmeiras
<b>Pouso Alegre</b>
<span><span></span></span> Sebo São Darwin
<b>Tiradentes</b>
<span><span></span></span> Livraria Café Itaitala
<b>Uberlândia</b>
<span><span></span></span> SBS Livraria Internacional
<span><span></span></span> Samsara
<b>PARÁ</b>
<b>Belém</b>
<span><span></span></span> Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto / Livraria e Editora da UFPA
<b>Santarém</b>
<span><span></span></span> BPP Sebo & Locadora
<b>PARAÍBA</b>
<b>João Pessoa</b>
<span><span></span></span> A Budega Arte Café / Livraria do Luiz
<span><span></span></span> Viveiro Pirata / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energia / Centro Cultural Artiano Suassuna
<b>Cajazeiras</b>
<span><span></span></span> Livraria Universitária CZ
<b>Campina Grande</b>
<span><span></span></span> Livraria Campinense
<b>PARANÁ</b>
<b>Curitiba</b>
<span><span></span></span> Agendarte Livros / Sebo Releituras / Ilban Comic Shop / Joaquim Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Livraria do Cham / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Vertov
<span><span></span></span> Supernova Coffee Roasters / Rause Café / Café Mître / Café Lisboa / Café do Viajante / Chelsea Café / Café do MON / Magnólia Café / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / Botanique Café Bar Plantas / Café Avenida / Café Tiramisu / Café do Mercado / Café das Letras / Adequim / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Banca do André / Livraria da Editora UFRJ / Banca dos Advogados
<span><span></span></span> O Torto Bar / Tuboteca / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Biba Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvática Ações Artísticas / SESC da Esquina / Paço da Liberdade
<b>Apucarana</b>
<span><span></span></span> SESC Apucarana
<b>Araucária</b>
<span><span></span></span> Banca da Aracy
<span><span></span></span> Dueto Café
<span><span></span></span> Casa Eliseu Voronkoff / Porão do Cavalo Balo
<b>Anápolis</b>
<span><span></span></span> Café S/A
<b>MARANHÃO</b>
<b>São Luís</b> Livraria Poeme-se / Sebo Arterio / Sebo Papiro / Livraria Moderna / Livraria Tempo de Ler
<b>MATO GROSSO</b>
<b>Cuiabá</b>
<span><span></span></span> Bazar do Livro Matriz / Sebo Rua Antiga / O Chapeleiro Café Sebo / Sebo Raro Ruído
<span><span></span></span> Metade Cheio / Tchê por Discos
<b>Araputanga</b>
<span><span></span></span> Espaço Gaveta
<b>MATO GROSSO DO SUL</b>
<b>Campo Grande</b>
<span><span></span></span> Livraria Le Parole / Livraria Oceano / Maciel
<b>Dourados</b>
<span><span></span></span> Companhia dos Livros / Canto das Letras

<b>Jacarezinho</b>
<span><span></span></span> SESC Jacarezinho
<b>Lapa</b>
<span><span></span></span> Livraria & Papelaria Nanise
<span><span></span></span> Panificadora Zeni
<b>Londrina</b>
<span><span></span></span> Livraria da Sílvia / Nosso Sebo / EDUEL
<span><span></span></span> SESC Londrina (Cadeião e Centro)
<b>Maringá</b>
<span><span></span></span> Café Literário
<b>Medianeira</b>
<span><span></span></span> SESC Medianeira
<b>Morretes</b>
<span><span></span></span> Café e Restaurante
<b>Pato Branco</b>
<span><span></span></span> Alexandria Livraria e Cafeteria
<span><span></span></span> SESC Pato Branco
<b>Ponta Grossa</b>
<span><span></span></span> Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural T e II
<span><span></span></span> Hostel Paraná / Phono Pub / Frederico Cervejas & Cervejas
<b>São José dos Pinhais</b>
<span><span></span></span> Sebo da Visconde
<b>São Mateus do Sul</b>
<span><span></span></span> Vitros & Cia
<b>Toledo</b>
<span><span></span></span> Livraria Baluarte
<b>Umuarama</b>
<span><span></span></span> SESC Umuarama

<b>PERNAMBUCO</b>
<b>Recife</b>
<span><span></span></span> Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Idéia Fixa / Varejão do Estudante / Banca Guarapes
<span><span></span></span> Clandestino Café / Borsoi Café Clube – PINA / Borsoi Café Clube – CALIFORNIA / A Vida É Bela Café / Malakoff Café / Brigadeiro Café
<b>Caruaru</b>
<span><span></span></span> Banca Terceiro Mundo
<b>Garanhuns</b>
<span><span></span></span> Livraria Casa Café
<b>Olinda</b>
<span><span></span></span> Sebo Casa Azul / Banca Circular
<b>Salgueiro</b>
<span><span></span></span> Capabella Sebo
<b>PIAUI</b>
<span><span></span></span> <b>Teresina</b> Café da Gota Serena / Café Art Bar / Entrelinhas

<b>RIO DE JANEIRO</b>
<b>Rio de Janeiro</b>
<span><span></span></span> Belle Époque Discos e Livros / Livraria Leonardo da Vinci / Books Livraria / Livraria Argumento Letibon / Livraria Argumento Rio Design Barra / Livraria Beco das Letras / Adequim / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edções Folha Seca / Banca do André / Livraria da Editora UFRJ / Banca dos Advogados
<span><span></span></span> Café Pingado
<span><span></span></span> Espaço Saracura / Cine Jôia / Casa Contexto
<b>Aruama</b>
<span><span></span></span> Livraria Castro Alves
<b>Cabo Frio</b>
<span><span></span></span> Sebo do Lanati / O Sebo Antigo
<b>Mesquita</b>
<span><span></span></span> Sebolinha Livros e Revistas
<b>Nova Friburgo</b>
<span><span></span></span> Sabor de Leitura / Arabesco Livraria e Papelaria
<b>Nova Iguaçu</b>
<span><span></span></span> Degani Livraria, Donuts e Café
<b>Paraty</b>
<span><span></span></span> Livraria de Paraty
<span><span></span></span> Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty
<b>Petrópolis</b>
<span><span></span></span> Livraria e Bistrô de Itaipava
<span><span></span></span> Sant'Anna
<b>Seropédica</b>
<span><span></span></span> Canto Geral Livros e Discos
<b>Três Rios</b>
<span><span></span></span> Livraria Favorita

<b>RIO GRANDE DO NORTE</b>
<b>Natal</b>
<span><span></span></span> Sebo Café / Cooperativa Cultural Univ. do RN
<span><span></span></span> Resebo
<b>Praia da Pipa</b>
<span><span></span></span> Book Shop
<b>RIO GRANDE DO SUL</b>
<b>Porto Alegre</b>
<span><span></span></span> Cirkula / Livraria Bamboletras / Livraria Baleia / Livraria Raízes / Livraria Taverna / Traça Livraria
<span><span></span></span> Café Curtum / Bouquinhista Café & Livros
<span><span></span></span> Galeria Hipotética
<b>Bento Gonçalves</b>
<span><span></span></span> Dom Quixote Livraria & Cafeteria / Paparazzi
<b>Canela</b>
<span><span></span></span> Empório Canela
<b>Caxias do Sul</b>
<span><span></span></span> Do Arco da Velha Livraria & Café
<span><span></span></span> Doce Amore Café & Algo Mais
<b>Frederico Westphalen</b>
<span><span></span></span> Vitrola
<b>Lajeado</b>
<span><span></span></span> Livraria do Vale
<b>Pelotas</b>
<span><span></span></span> Livraria Vanguarda
<b>Santa Maria</b>
<span><span></span></span> Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Aráctera Livros / CESMA
<b>São Francisco de Paula</b>
<span><span></span></span> Miragem Livraria
<b>Venâncio Aires</b>
<span><span></span></span> Castelo Livraria & Café
<b>RONDÔNIA</b>
<b>Porto Velho</b> Magda Livros / Livraria Central / NovaLetra Livros, Testes e Cursos
<b>RORAIMA</b>
<b>Boa Vista</b> Lápis na Mão
<b>SANTA CATARINA</b>
<b>Florianópolis</b>
<span><span></span></span> Letraria / Livraria Livros & Livros
<span><span></span></span> Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguaçum / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercílio Luz
<span><span></span></span> Tralharia
<b>Balneário Camboriú</b>
<span><span></span></span> Santo Livro Livraria e Bookstore
<span><span></span></span> Café Cultura Balneário Shopping
<b>Blumenau</b>
<span><span></span></span> Livraria Blúvivo
<b>Brusque</b>
<span><span></span></span> Livraria Saber
<b>Caçador</b>
<span><span></span></span> Livraria Selva
<b>Chapécó</b>
<span><span></span></span> Humana Sebo & Livraria
<b>Criciúma</b>
<span><span></span></span> Café Cultura Nações Shopping / Café Cultura Metropolitan Business Center
<span><span></span></span> Livraria Fátima
<b>Joinville</b>
<span><span></span></span> Salvador Vegan Café, Livros e Discos
<span><span></span></span> Casa 97
<b>Mafra</b>
<span><span></span></span> Restaurante Amora Sustentável
<b>Morro da Fumaça</b>
<span><span></span></span> Livraria Beco Diagonal
<b>Porto União</b>
<span><span></span></span> Livraria do Porto
<b>São Bento do Sul</b>
<span><span></span></span> Dom Quixote Livros
<b>São José</b>
<span><span></span></span> Sebo Ilha das Letras
<span><span></span></span> Café Cultura Continente Shopping
<b>Tubarão</b>
<span><span></span></span> Libretto Livraria

<b>SÃO PAULO</b>
------------------

<b>São Paulo</b>
<span><span></span></span> Comix Book Shop / Catavento / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / USPA PRESS / Books Livraria / Banca Curva / Desculpe A Poeta / Patuscada Bar / Livraria NovaSete / Banca Tatui / Livraria Roteiro / Livraria Simples / EDUSP / UNESP / Espaço Itaú Augusta / Livraria Mandarina / Casa Plana / Planarte Livraria / Livraria da Tarde
<span><span></span></span> A Casa Tombada / Casa Guilherme de Almeida / Teatro do Centro da Terra / Matilha Cultural / Estúdio Lámina / Tapera Tapera / Casa do Povo / Casa das Rosas / Instituto Moreira Salles / Escrevedeira / Literário Café & Coworking

<b>Araçatuba</b>
<span><span></span></span> Sebo Dom Quixote
<b>Araraquara</b>
<span><span></span></span> Casa da Cultura / Palacete das Rosas
<span><span></span></span> Livraria Murad
<b>Bauru</b>
<span><span></span></span> Sebo Ctepsidra
<b>Botucatu</b>
<span><span></span></span> Sebo Alfarrabio
<b>Campinas</b>
<span><span></span></span> Livraria Pontes / Sebo Porão / Livraria Iluminações / Contracultura
<span><span></span></span> TORTA – Espaço para um Dedo de Prova
<b>Campos do Jordão</b>
<span><span></span></span> Livraria Jaguaribe

<b>Franca</b>
<span><span></span></span> Sebo Almanaque
<span><span></span></span> Confraria Cult. / IPRA
<b>Guarulhos</b>
<span><span></span></span> Livraria Guarulvivos

<b>Itatiba</b>
<span><span></span></span> Livraria Toque e Letras
<b>Mogi Mirim</b>
<span><span></span></span> Banca do Sardinha

<b>LEGENDA</b>
----------------

<b>PIRACABA</b>
-----------------

<span><span></span></span> Sebo do Formiga
--------------------------------------------

<b>Presidente Prudente</b>
----------------------------

<span><span></span></span> Papelaria e Livraria Imperial
----------------------------------------------------------

<b>Ribeirão Preto</b>
-----------------------

<span><span></span></span> Livraria Travessa Ribeirão
-------------------------------------------------------

<b>Rio Claro</b>
------------------

<span><span></span></span> A Casinha
--------------------------------------

<b>Santo André</b>
--------------------

<span><span></span></span> Livraria Pacobetto / Alexandria
------------------------------------------------------------

<b>Santos</b>
---------------

<span><span></span></span> Realajo Livros
-------------------------------------------

<b>São Carlos</b>
-------------------

<span><span></span></span> EDUFSCAR
-------------------------------------

<b>Taboão da Serra</b>
------------------------

<span><span></span></span> CF Bazar
-------------------------------------

<b>Taubaté</b>
----------------

<span><span></span></span> Sebo Estação Cultural
--------------------------------------------------

<b>Vinhedo</b>
----------------

<span><span></span></span> Sebo Vinhedo
-----------------------------------------

<b>SERGIPE</b>
----------------

<span><span></span></span> <b>Araçá</b> Livraria Escariz / Feira Castelo Branco
---------------------------------------------------------------------------------

<b>TOCANTINS</b>
------------------

<span><span></span></span> <b>Palmas</b> Livraria Nacional
------------------------------------------------------------

<b>LEGENDA</b>
<span><span></span></span> Livrarias, bancas e sebos
<span><span></span></span> Cafeterias e panificadoras
<span><span></span></span> Espaços culturais
<b>Locais RelevAntes</b>
<b>Quer aparecer aqui?</b>
Entre em contato! contato@jornalrelevoo.com
<b>O Alienígena</b> <small>facebook.com/seboalienigena</small>
<b>Sebo Edipoeira</b> <small>instagram.com/seboedipoeira</small>
<b>Gato Preto</b> <small>facebook.com/gatopreto100</small>
<b>Kikos Bar</b> <small>bit.ly/kikosbar</small>

## Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

<b>PARÁ</b>	<p>Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer</p>
<b>Belém</b>	
<b>Ananásua</b>	Biblioteca Comunitária Moara
<b>Maranhão</b>	<p>Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Viavagem pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina</p>
<b>São Luís</b>	
<b>Ceará</b>	<p>Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leônidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Cambóa de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Flebeu – Gabinete de Leitura Biblioteca Livre Curú</p>
<b>Fortaleza</b>	
<b>S. G. do Amarante</b>	Biblioteca Comunitária Literateca
<b>Pernambuco</b>	<p>Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma</p>
<b>Recife</b>	
<b>Jaboatão dos Guararapes</b>	Biblioteca Comunitária do Peró
<b>Olinda</b>	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
<b>Bahia</b>	<p>Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Afonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade</p>
<b>Salvador</b>	
<b>Minas Gerais</b>	
<b>Belo Horizonte</b>	Biblioteca Comunitária Livro Alberto
<b>Betim</b>	<p>Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária SãoJo do Encontro Biblioteca Comunitária Corrente do Bem Borachalioteca</p>
<b>Sta. Luzia</b>	
<b>Sabará</b>	
<b>Rio de Janeiro</b>	<p>Biblioteca Comunitária Wagner Compartio Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Gas. José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo</p>
<b>Rio de Janeiro</b>	<p>Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANNIS Espaço Literário Balaio de Letras Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy</p>
<b>Rio de Janeiro</b>	<p>Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thaila Rebouças Biblioteca Comunitária Oihar Cultural Biblioteca Comunitária Prof Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues</p>
<b>Duque de Caxias</b>	<p>Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Tema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda</p>
<b>Nova Iguaçu</b>	<p>Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araújo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis</p>
<b>Paraty</b>	<p>Biblioteca Comunitária Picaideiro da Leitura Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL</p>
<b>São Paulo</b>	<p>Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Chocodido Biblioteca Comunitária Orandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal</p>
<b>São Paulo</b>	<p>Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araújo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis</p>
<b>São Paulo</b>	<p>Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araújo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis</p>
<b>Guarulhos</b>	<p>Biblioteca Comunitária Picaideiro da Leitura Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL</p>
<b>Mauá</b>	
<b>Rio Grande do Sul</b>	<p>Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Chocodido Biblioteca Comunitária Orandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal</p>
<b>Porto Alegre</b>	
<b>Dist. Federal</b>	
<b>Brasília</b>	Biblioteca Escolar e Comunitária da EOS 108/308

**QUER DISTRIBUIR O RELEVO?**

# ALEJANDRA PIZARNIK

Tradução de Xavier Vásquez Freire

*Fragmento do poema Extração da pedra de loucura, do livro homônimo (1968)*

Eu falo como em mim se fala.  
Não minha voz obstinada em  
parecer uma voz humana mas a  
outra que atesta que não parei  
de habitar na floresta.

Se você visse aquela que sem  
você dorme em um jardim em  
ruínas na memória. Lá eu, ébria  
de milhares de mortes, falo de  
mim comigo só para saber se é  
verdade que estou sob a grama.  
Eu não sei os nomes. Para  
quem você dirá que não sabe?  
Você se quer outra. A outra que  
você é se quer outra. O que  
acontece na verde alameda?  
Acontece que não é verde e  
nem sequer há uma alameda.  
E agora você brinca de ser  
escrava para esconder tua coroa,  
concedida por quem? quem  
te ungiu? quem te consagrou?  
O invisível povo da memória  
mais antiga. Perdida por seu  
próprio desígnio, você desistiu  
de teu reino pelas cinzas. Quem  
faz você se machucar lembra  
você de velhas homenagens.  
No entanto, você chora  
miseravelmente e evoca sua  
loucura e até você gostaria  
de extraí-la de você como se  
fosse uma pedra, ela, teu único  
privilegio. Em um muro branco  
você desenha as alegorias do

descanso, e sempre é uma rainha  
louca que jaz sob a lua na triste  
grama do velho jardim. Mas não  
fale dos jardins, não fale da lua,  
não fale da rosa, não fale do mar.  
Fale do que você sabe. Fale do  
que vibra em sua medula e faz  
luzes e sombras em teu olhar,  
fale da dor incessante em teus  
ossos, fale da vertigem, fale de  
tua respiração, de tua desolação,  
de tua traição. É tão escuro, tão  
em silêncio o processo em que  
me obrigo. Oh fale do silêncio.

Hablo como en mí se habla.  
No mi voz obstinada en parecer  
una voz humana sino la otra que  
atestigua que no he cesado de  
morar en el bosque.

Si vieras a la que sin ti  
duerme en un jardín en ruinas  
en la memoria. Allí yo, ebria  
de mil muertes, hablo de mí  
connmigo sólo por saber si es  
verdad que estoy debajo de la  
hierba. No sé los nombres. ¿A  
quién le dirás que no sabes? Te  
deseas otra. La otra que eres se  
desea otra. ¿Qué pasa en la verde  
alameda? Pasa que no es verde  
y ni siquiera hay una alameda.  
Y ahora juegas a ser esclava para  
ocultar tu corona ¿otorgada por  
quién?, ¿quién te ha ungido?,  
¿quién te ha consagrado? El  
invisible pueblo de la memoria  
más vieja. Perdida por propio  
designio, has renunciado a tu  
reino por las cenizas. Quien te  
hace doler te recuerda antiguos  
homenajes. No obstante, lloras  
funestamente y evocas tu locura  
y hasta quisieras extraerla de ti  
como si fuese una piedra, a ella,  
tu solo privilegio. En un muro  
blanco dibujas las alegorías del  
reposeo, y es siempre una reina  
loca que yace bajo la luna sobre  
la triste hierba del viejo jardín.

Pero no hables de los jardines,  
no hables de la luna, no hables  
de la rosa, no hables del mar.  
Habla de lo que sabes. Habla  
de lo que vibra en tu médula  
y hace luces y sombras en tu  
mirada, habla del dolor incesante  
de tus huesos, habla del vértigo,  
habla de tu respiración, de tu  
desolación, de tu traición. Es tan  
oscuro, tan en silencio el proceso  
a que me obligo. Oh habla del  
silencio.

*De Extração da pedra de loucura (1968)*

## CANTORA NOTURNA

*Joe, macht die Musikvondamalsnacht...*

A que morreu de seu vestido azul  
está cantando. Canta imbuída de morte  
ao sol de sua embriaguez. Dentro de  
sua música, há um vestido azul, há  
um cavalo branco, um coração verde  
tatuado com os ecos da batida de seu  
coração morto. Exposta a todas as  
perdições, ela canta ao lado de uma  
garota perdida que é ela: seu amuleto  
de boa sorte. E apesar da névoa verde  
nos lábios e do frio cinza nos olhos,  
sua voz corrói a distância que se abre  
entre a sede e a mão que procura o  
copo. Ela canta.

*A Olga Orozco*

*De O inferno musical (1971)*

## UM EXEMPLAR DE «LES CHANTS DE MALDOROR»

Sob meu vestido ardia um campo  
com flores alegres como as crianças da  
meia-noite.

O sopro da luz em meus ossos  
quando escrevo a palavra terra. Palavra  
ou presença seguida por animais  
perfumados; triste como ela mesma,  
bela como o suicídio; e que me  
sobrevoa como uma dinastia de sóis.

## CANTORA NOCTURNA

*Joe, macht die Musikvondamalsnacht...*

La que murió de su vestido azul  
está cantando. Canta imbuída de  
muerte al sol de su ebriedad. Adentro  
de su canción hay un vestido azul, hay  
un caballo blanco, hay un corazón  
verde tatuado con los ecos de los  
latidos de su corazón muerto. Exposta  
a todas las perdiciones, ella canta junto  
a una niña extraviada que es ella: su  
amuleto de la buena suerte. Y a pesar  
de la niebla verde en los labios y del  
frío gris en los ojos, su voz corroe la  
distancia que se abre entre la sed y la  
mano que busca el vaso. Ella canta.

*A Olga Orozco*

## EN UN EJEMPLAR DE «LES CHANTS DE MALDOROR»

Debajo de mi vestido ardía un campo  
con flores alegres como los niños de la  
medianoche.

El sopro de la luz en mis huesos  
cuando escribo la palabra tierra.  
Palabra o presencia seguida por  
animales perfumados; triste como sí  
misma, hermosa como el suicidio; y  
que me sobrevuela como una dinastía  
de soles.

# Abismo em vez de solidariedade: olhando para as festas de Cleópatra, Eva Braun e Corona

HANS ULRICH GUMBRECHT

Tradução de Claudia Regina Camargo, Greicy Pinto Bellin e Guilherme Foscolo

*Originalmente publicado no jornal suíço Neuer Zürcher Zeitung, em 18 de abril de 2020*

Atualmente, tem se falado em “solidariedade” com resoluta complacência — e surpreendentemente pouco sobre o abismo que temos que evitar ou talvez até mesmo atravessar. Isso se explica por ninguém realmente saber o quão profundo é o abismo e como poderia ser do outro lado. No que diz respeito à solidariedade, a questão é se estamos de fato em uma situação na qual o conceito se encaixa. Solidariedade pressupõe a decisão livre e, portanto, sempre generosa de renunciar, a fim de ajudar outras pessoas em uma situação que, com a renúncia, torna-se mais semelhante à sua. Em outras palavras: a solidariedade pressupõe uma clara desigualdade que deve ser reduzida — não necessariamente eliminada por completo — sem a qual não pode existir.

Uma análise do "distanciamento social" enquanto elemento fundamental do nosso cenário novo, quase global, mostra que essa premissa da desigualdade já não faz parte dele. Todas as pessoas que encontro hoje em presença real na rua, em um parque ou, possivelmente ainda, no trabalho, representam um risco de infecção para mim, assim como eu represento um risco de infecção para elas. Portanto, ninguém pode ser generoso com o protocolo

de distanciamento, assim como qualquer um que esquece a regra de distanciamento também se coloca em risco. Diante do coronavírus, todos são iguais.

Ou será que a desigualdade cresce a partir das estatísticas específicas da idade, da probabilidade de infecção — e do curso possivelmente fatal após esta infecção? Será que nós, idosos, não precisamos ser particularmente gratos aos jovens por manterem distância? Então, seria esse um ato de solidariedade? Acho que não, porque as estatísticas são contraditórias, e o conhecimento dos mecanismos de contágio é vago o suficiente para nos unir a todos no pior cenário. Todos fazem o possível para escapar do vírus, e até mesmo a serenidade é considerada uma fonte de perigo. E dado esse requisito de igualdade como seu gatilho, nosso comportamento não merece, ou necessita, de palavras calorosas de solidariedade.

Mas, mesmo aqueles que reagem, junto a Giorgio Agamben, com espanto — e até preocupação — à disposição com que, apesar das informações diárias flutuantes, se acolhe as consequências aparentemente sensatas da situação, admitiriam que uma consciência silenciosa se expande para ficar à beira do abismo. Talvez para a maioria dos contemporâneos esse "abismo" seja apenas uma enorme intensificação do sentimento de nossa situação

básica existencial como "vida em vista da morte" (como podemos dizer com Martin Heidegger desde 1927), uma enorme intensificação do conhecimento sobre a inevitabilidade da própria morte, uma intensificação que não corresponde a um aumento comprovadamente drástico no risco individual de morte, nem mesmo para uma pessoa de setenta e dois anos como eu.

É um abismo para o qual, por sua gravidade, não temos números confiáveis e certamente nenhuma palavra. É por isso — e não pela primeira vez na história da humanidade — que muitos contemporâneos reagiram com impulsos de celebração e excesso, "dançando no abismo". Refiro-me, é claro, principalmente às chamadas "festas corona", as quais a mídia noticiou diariamente algumas semanas atrás, em tom de indignação, mas que agora — quase infelizmente — pararam. Quase infelizmente? Claramente, não há dúvida de que essas festas também aumentam o risco de uma pandemia para pessoas que nunca quiseram participar delas — e, a esse respeito, é preciso acolher com satisfação seu desaparecimento. Por outro lado, uma afirmação da vida pode ter se tornado palpável ali, e que, em vista da cautela coletiva parcialmente imposta e parcialmente escolhida, escapou de nossas mãos.

Houve ao menos três tipos diferentes de eventos noticiados

com as palavras "festas corona". Os sazonais — especialmente ilustrados por fotos das praias da Flórida — estão relacionados às festas exuberantes com as quais os estudantes universitários americanos inauguram suas férias de primavera. Essas festas "não queriam que o vírus as estragasse", lia-se repetidamente no momento em que mesmo os adultos mais sensíveis ainda relutavam em cancelar seus voos já reservados. Reuniões de pessoas cujo vício em álcool inclui a necessidade de embebedar-se coletivamente atrás das portas fechadas de clubes e apartamentos particulares se estendem ao presente e, certamente, ao futuro. Uma patologia que se torna mais visível do que o habitual em condições de Corona, sem realmente ter a ver com a sintomatologia de nossa crise — e com seu abismo existencialmente específico. E, finalmente, as festas dos jovens, com pouco mais de vinte anos, à beira do lago, em parques ou ruínas de castelos, para citar relatórios europeus ou norte-americanos, festas ao ar livre, desencadeados pela crise, em vez de planos de viagem de curto prazo ou problemas de dependência de longo prazo.

Sem desejar transfigurá-las com uma nostalgia antiquada, é impressionante que festas desse tipo — por mais "selvagens" que possam ter sido e diferentemente das bebedeiras por trás de portas fechadas — geralmente se

dissolviam com o confronto das patrulhas policiais sem nenhum problema ou discussão, de modo absolutamente pacífico e, portanto, muito ao contrário dos comentários eletrônicos furiosos que acumulavam desprezo e acusações de crime. Tais festas eram rituais à beira do abismo, festas ao ar livre e em enfrentamento à própria morte, festas de uma experiência para a qual nós, como Heidegger corretamente enfatizou, normalmente fechamos nossos olhos. E sempre houve tais festas. Plutarco, um mestre biógrafo do primeiro século depois de Cristo, descreve como Cleópatra e Marco Antônio — após a batalha naval de Actium, que haviam perdido contra o imperador Augusto —, sem esperanças políticas e sem esperanças de uma sobrevivência respeitável, "desfrutaram da alegria de banquetes extensos, bebidas e distribuição de doações", para finalmente "substituir sua famosa 'sociedade de amigos inimitáveis da vida' por 'uma sociedade de parceiros na morte' que não era menos excessiva e excêntrica".

Até a cena mais perturbadora do filme *A Queda*, dos últimos dias no bunker, com o grande Bruno Ganz como Hitler, tem um histórico documentado de festa. Ali, Eva Braun, parceira de Hitler, que só é notável por causa de sua normalidade banal, decide, em 20 de abril de 1945, terminar o aniversário do chanceler em exercício com um festival de dança frenético — do lado de fora do bunker, em seu apartamento privado, ficando expostos às bombas e canhões do Exército Vermelho em frente a Berlim. Para impedir uma associação

exclusiva, aparentemente óbvia, de tais eventos com protagonistas do cenário político, ou com os piores crimes da história da humanidade, é importante mencionar que celebrações excessivas diante de uma morte certa, mesmo entre os primeiros grupos ameaçados e infectados pela AIDS, tiveram um papel central durante o início dos anos 1980.

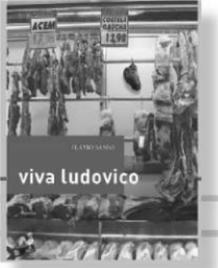
Mas como explicar a conexão entre — ao menos em uma existência secular — o medo inevitável da própria morte (como o fim da própria consciência e, portanto, como "nada") e os impulsos para um comportamento que apenas torna mais provável a ocorrência da morte? Há um número quase ilimitado de respostas para essa pergunta, dependendo da orientação teórica e das circunstâncias individuais. A menos interessante e, provavelmente, a mais comum dentre elas chama de "repressão" um estado de intoxicação evocado coletivamente, do qual se acorda com um aumento dos sintomas de depressão, como um gato que chora. Também é plausível o risco — meio calculado e meio pré-consciente — de reduzir o tempo de espera por uma morte certa, sem se matar ativamente (isso poderia ter sido a motivação para Eva Braun festejar, em 20 de abril de 1945, em sua própria casa, ameaçada por bombas).

Sobre a situação do corona, com seu grau singular de incerteza sobre o próprio status de infecção e possível curso da doença (pela primeira vez na maioria dos países ocidentais, não se pode nem contar com o fato de que o tratamento clinicamente ideal vá se tornar

acessível como uma opção), ela também se encaixa como uma motivação para aumentar a intensidade. Se, segundo Gilles Deleuze, percebermos a intensidade como um movimento fora de nós mesmos, que ocorre entre uma saída da arbitrariedade absoluta ("nada é impensável") e um ponto final de total certeza ("buracos negros"), então, momentos de proximidade física e de êxtase erótico e narcótico podem desencadear processos que levam da incerteza intolerável à morte como última e sombria certeza.

Acima de tudo — e esta é a explicação mais elementar —, diante da morte, as festas sempre afirmaram o que estava em jogo e ameaçava-se perder: a abundância de vida sensual e significativa e a vida em direção à presença física de outras pessoas. Por outro lado, a celebração abstrata da suposta solidariedade em nosso comportamento à distância, que está se tornando uma norma e rotina, contém o risco de nos acostumarmos à sobrevivência, principalmente se a situação atual não mudar rapidamente — e isso também se aplica a frases bem-intencionadas, como o elogio à desaceleração social ou noites familiares com divertidos jogos de tabuleiro. Esse perigo de confundir sobrevivência com vida é capturado na situação existencialmente nova — e também abstrata — de viver coletivamente diante da própria morte.

Enquanto as festas estão proibidas, é importante ao menos lembrar seu significado, em vez de desprezá-las em nome da distância e da higiene.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)


+


**Estado da Corda Sol Quando se Exagera na Tensão**  
de Érika Batista

**Liberdade Cativoiro**  
de Leonardo Teixeira

**PROMOÇÃO DE ANIVERSÁRIO**

**R\$ 25**  
FRETE GRÁTIS

use o código para o cupom de desconto: RELEVO

**www.editoraipeamarelo.com.br**

15 anos



# O último voo

Huggo Iora

Foi principalmente após o rompimento com Clarissa que Rômulo, retornando à casa da mãe — azul e de janelas amarelas, na esquina da Rua dos Araçás, número 126 —, deprimiu-se de vez. Tentou cinema, puteiros, boates, comprimidos, tai-chi, trilhas no meio do mato, uísques, academias, livros de autoajuda, encontros em grupo. Nada serviu. Afinal, nem mesmo o psiquiatra encontrava alternativas ou mentiras.

Então, num entardecer calado, de raios solares despencando oblíquos do céu, uma pomba pousou na janela da cozinha enquanto Rômulo enchia um copo d’água. Ali, com aquele olhar puro do animal, os dois travaram um vínculo. O homem, num gesto instintivo, decidiu alimentar a pomba com farelos de pão que jaziam sobre a mesa. Estendeu sua mão côncava até o rosto da ave que suavemente beliscou os petiscos. Ela carregava um sinal púrpuro no meio da testa acinzentada. Rômulo riu, e sentiu uma alegria invadir algumas células do seu corpo. Fazia tempo que não sabia o que era isso.

Rômulo manteve seus principais compromissos. Dava banho na mãe cedo, todas as manhãs, e aulas de Geografia ao Ensino Médio do Colégio Público Fernando Pinheiro Vespúcio. Entretanto, o restante dos seus dias era preenchido pela devota atenção às pombas. Alimentando-as diariamente, em menos de dois meses, mais de cem pombas vieram morar sobre o telhado da casa da mãe de Rômulo, tornando-se conhecida entre a vizinhança por: casa-poleiro.

Ele perdia horas admirando maravilhado o comportamento simples das aves, as relações que travavam entre si, a maneira como alongavam a musculatura do pescoço, a leveza sublime dos voos alegres.

Particularmente, Rômulo se deliciava ao assistir às revoadas em bando que as pombas davam nos crepúsculos da manhã e tarde. Comparava o evento a um balé grandioso; emocionava-se quando comentava aos amigos remanescentes.

Remanescentes porque depois de transformar o jardim de sua mãe num pombal, grande parte do seu círculo de amigos, colegas, conhecidos, desfez-se. Falavam agora de Rômulo — e de seus novos hábitos, costumes exóticos — sob uma capa de julgamentos e análises. Suspeitavam de a loucura, causada sobretudo pelo impacto emocional do término de seu relacionamento com Clarissa, ter consumido a maior parte de sua inteligência. Ninguém mais curtia ficar perto dele. Possuíam asco sobretudo dos piolhos e das doenças contagiosas.

Certa vez, voltando cedo do trabalho — pois havia marcado uma consulta para sua mãe que vinha urinando um líquido espesso e marrom há semanas —, Rômulo viu Lauro, vizinho de longa data, espalhando bolinhas de veneno pelas calçadas, misturando-as com uma ração de pássaros. Foi na direção do pilantra, que tampouco tentou disfarçar o que estava fazendo. Os dois trocaram ofensas e depois quase caíram na porrada — não fosse Edna, a costureira manca e fofoqueira da rua, a escandalizar berrando por socorro.

Mesmo no enterro da mãe, Rômulo não conseguia tirar da cabeça os pensamentos das pombas que o esperavam. Recebia as condolências dos presentes com um aceno de cabeça automático, seguido de um fechar de olhos trêmulo e saturado. Sabia que não teria mais de dedicar boa parte de sua vida aos cuidados da mãe. E isso, sombriamente, alentava-o. Sobraria muitos momentos para desfrutar da

companhia dos pássaros e de suas purezas. Aguardou o anoitecer e, após a despedida de todos, retornou à casa, às pombas.

Quando Rômulo, ainda na semana de luto, descobriu que Sabrina, professora de história e única amiga de trabalho sua, fora demitida da escola por causas injustas — segundo seus princípios e morais —, o homem indignou-se severamente e numa atitude animal foi ao diretor pedir as contas. Não aguentava mais o comportamento humano; a hipocrisia das relações; as estruturas sociais; a manipulação do povo; a luta de classes; a concentração de poderes e direitos; os discursos imersos em ideologias. Exausto estava de tudo que enxergava ultimamente comum nos humanos. Desejava apenas enclausurar-se no calor da casa, do ninho, junto às aves e seus doces arrulhos, sonoros e úmidos como o despertar do sereno noturno.

Corridos três meses que Rômulo não saía do seu “habitat”, senão para fazer compras, começou a sentir dores agudas, pontadas que pareciam lhe perfurar a pele e os músculos das costas, logo abaixo das escápulas. Imaginou serem os rins. Atingiu quarenta graus de febre. Ardeu na cama. Molhou lençóis e edredons. Gemeu na solidão. Depois suspeitou ter contraído algum fungo das fezes das pombas, devido à semelhança dos sintomas. Afastou-se assim delas. Ainda que ateu, recorreu num desespero impotente a Deus, para que este o salvasse de tal quadro. Orou tudo que conseguiu lembrar da época de eucaristia. Chamou o nome da mãe. Inutilmente.

Na hora derradeira, quando a vista se anuviou de sombras, Rômulo viu uma pomba destrancar a janela do seu quarto e abri-la, permitindo que uma claridade morna invadisse a escuridão do cômodo. De postura imponente, o

pássaro pousou no peitoril e encarou o homem — macambúzio e magro e totalmente entregue em seu leito. Arregalando os olhos num esforço tremendo, mirando o sinal roxo na testa da ave, Rômulo se ligou que era a mesma pomba do primeiro encontro naquele fascinante fim-de-tarde na cozinha, quando enchia seu copo com água e o pôr do sol dourava a poeira que caía da cortina. O homem esgarçou a boca num sorriso agradecido e demorado, sem desviar os olhos do ser alado, parado na janela.

De repente, por detrás da ave, uma manta se formou com a vinda das demais pombas. Elas mantiveram-se voando numa certa altura, conservando um bater de asas que gerava um som etéreo, terapêutico. As maçãs-do-rosto de Rômulo enrubesceram e suas sobrançelas tomaram vida. Das costas, rompeu-se um empenado par de asas. O corpo minguou enquanto o peito inflou as fibras. Canelas deram lugar a patas. Leve, o indivíduo empertigou-se sobre a roupa de cama rapidamente, coçando suas penas com o bico. Balançou o pescoço. Não possuía mais os braços, nem compromissos, nem planos, nem preocupações ou questionamentos. Sentiu-se pleno, sem a sensação de desencaixe que o consumia quando homem.

A pomba do sinal púrpuro subitamente abandonou o peitoril, juntando-se às outras. Rômulo, sem perder tempo, atravessou o quadrado da janela com natural destreza e seguiu em direção ao bando. Sob os raios certos do sol, distantes montanhas desnudavam pétalas e sombreavam suas silhuetas finais, um pouco antes de adormecerem com a descida da noite, e as pombas executavam seu magnífico espetáculo no céu. Rômulo, integrando agora o balé, dançava e voava, como uma estrela inefável dos palcos.

Vítor Guima

**Poema integrante de *A Morte da Graça no Baile dos Erros* (Editora Urutau, 2020)**

## Sombras e fogo

*a Sergei Parajanov*

no dia em que foram esquecidos os signos das frutas e suntuosas vestes santificadas em película nas mais vívidas cores

as sombras de fogo e os cavalos dos meus antepassados de ensandecidas maneiras lembraram a história das censuras

daqueles registros das jantas com suas tantas galinhas e infinitos véus

o templo das imagens, das luzes e da realidade encarcerado as esculturas e bonecas destruídas em tão semelhantes uniformes

do que teriam sido tingidas as fitas fora de um jogo de xadrez?

qual o limite bestial das entidades que pretendem aniquilar o encanto?

a imagem cicatrizada no fundo dos globos não permite o mais abominável dos vetos nem suas incontáveis lacunas.



# A ARTE DA GUERRA

Desde que caiu em domínio público, antes mesmo de existir a ideia de domínio público, e, principalmente, desde que caiu no gosto do executivo charlatão (leia também: *Deus, o primeiro acionista*), *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu, clamava por uma nova tradução brasileira. Uma mais moderna, conectada, próxima do leitor jovem, com novas metas e novas viradas. Uma tradução que acaricie o leitor, que lhe beije a nuca antes de dormir e assopre sua colher de sopa antes de levá-la à boca (do leitor).

Com isso em mente, o **Jornal RelevO** contratou Bob “Salame”Vieira, *webdesigner* da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro-RJ, autodidata em chinês antigo e editor voluntário da Wikipedia, que por sinal é proibida na China.Vieira trouxe à *Arte da Guerra* uma “brasilidade latente e intrínseca ao texto de Sun Tzu”. Como amostra, deixamos parte do capítulo 8, que em traduções de menor personalidade costuma ser chamado de “As nove mudanças” ou “Variações táticas”. Na nossa, o capítulo recebeu o nome de “18 formas de quebrar na *night*”.

1. 孫子曰凡用兵之法將受命於君合軍聚衆	1. Se tu vai quebrar na <i>night</i> , se liga: de terno ou peita do Mengão <sup>1</sup> , o que interessa é tua cabeça: não fica de boqueira, pega a visão.
2. 圯地無舍衢地合交絕地無留圍地則謀死地則戰	2. Não aceite gole de estranho, principalmente se tu for gatinha, ainda mais se for de menor. Não misture muita coisa porque o estômago não aguenta.
3. 途有所不由軍有所不擊城有所不攻地有所不爭君命有所不受	3. Se a música tá lixo e a galera tá curtindo, adapte-se; se a música tá lixo e a galera tá miada, reclame; se não tem música e a galera tá curtindo, cuidado: B.O.
4. 故將通於九變之利者知用兵矣	4. Sozinho, não encoste em nada no banheiro; acompanhado, encoste em tudo.
5. 將不通於九變之利者雖知地形不能得地之利矣	5. Se arrumar briga por conta de <i>boy</i> lixo ou de surtada, retire as tropas <sup>2</sup> .
6. 治兵不知九變之術雖知五利不能得人之用矣	6. Informação é crucial. Não desça pra pista sem saber quem fecha contigo na hora do esporro.
7. 凡此五危將之也 用兵之災也	7. Quem quebra na <i>night</i> não é amigo de DJ de formatura; quem quebra na <i>night</i> não pode ser talarico.
(...)	(...)

## Notas do tradutor

<sup>1</sup> 法 indica “o mais forte”, “brilhante”, “imbatível”, portanto a versão lógica aqui é Mengão.

<sup>2</sup> O trecho “retire as tropas” é duvidoso no tocante a 利矣, mas assumo o risco. “Boy lixo” e “surtada” são, sem dúvida, os termos mais próximos da cosmovisão de Sun Tzu.

## Sobre o autor 作者

Sun Tzu nasceu lá atrás e morreu há uma cara. Não sabemos se ele de fato existiu ou se escreveu essas parada aí, mas acho muito da hora e gostei bastante da oportunidade de verter esses conhecimentos, que, como o Guaraviton, são sempre refrescantes.

## Sobre o tradutor 翻译家

Bob Vieira (1986) é natural de Petrópolis, mas se mudou para a Barra logo cedo. Sua paixão pela cultura chinesa vem do berço, que naturalmente era chinês. Aprendeu mandarim de forma empírica, negociando pranchas de surfê, então se aprofundou no chinês antigo – buscando “estampas sinistras” para essas mesmas pranchas. Traduziu *O Banquete – Diálogos entre mim, Platão e Sérgio Hondjakoff* (2017, Editora Boa Sorte).

# PINTURAS NEGRAS

Algumas das obras mais icônicas de Francisco Goya constam entre as *Pinturas negras*. É muito provável que você já tenha se deparado com “*Saturno devorando um filho*”, “*Dois velhos comendo sopa*” e “*A romaria de Santo Isidoro*”, por exemplo. As temáticas sombrias, aliadas a cores soturnas, um tanto ocres, hoje são vistas como **epítome visual de morte** – entre outras representações. O interessante é que você, e eu, e nós todos, poderíamos nunca ter visto qualquer um dos quatorze extraordinários trabalhos: Goya não fez a mínima questão de disponibilizá-los.

Francisco Goya, pois, desenvolveu as *Pinturas negras* já idoso, surdo e recluso. Em 1819, aos 72 anos, vivendo em uma casa nos entornos de Madri, o espanhol passou a desenvolver essas peças, provavelmente após o susto de uma doença séria (o qual, por sua vez, inspirou este autorretrato). A residência de dois andares, conhecida como Vila do Surdo – coincidentemente, não por conta dele, mas graças a um dono anterior –, abrigou todas as composições. Porque elas foram criadas diretamente nas paredes (existem algumas hipóteses sobre qual seria a disposição delas).

Nenhuma das pinturas, aliás, recebeu título: os nomes foram dados mais de 50 anos depois da morte do artista e, portanto, não são oficiais. Em 1823, Goya deixou o lar (e, conseqüentemente as obras) para seu neto Mariano, mudando-se para Bordéus – Bordô –, na França. Até o fim de sua vida, o público não teve qualquer conhecimento delas, e o Museu do Prado, de Madri, só as conseguiu em 1881, isto é, mais de meio século depois da morte de Francisco Goya (1828). O processo de transferência havia começado na década de 1870.

Se boa parte dos gênios adquire reconhecimento após o óbito, o caso das *Pinturas negras* se torna intrigante porque, afinal, elas só foram vistas décadas depois. Como genialidade pouca é bobagem, Los desastres de la guerra, outra grande série de Goya, passou pelo mesmo processo de composição privada, sendo divulgada 35 anos depois do falecimento do pintor.



<https://www.nytimes.com/2003/07/27/magazine/the-secret-of-the-black-paintings.html>



Autorretrato com Dr. Arrieta.



Esse aqui você lembra do livro de artes, né? *El Tres de Maio* (detalhe).



La Bruja Coprofágica.



Detalhe d' *A romaria de San Isidoro*.



n. 3 – *Lo mismo*.



## A Menina e o Gato

Lindevania Martins

Melissa tinha cinco anos, terror de quartos escuros e gatos com duas cabeças e olhos cínicos. A mãe da menina sabia do medo que a filha tinha dos quartos escuros, mas nem desconfiava dos gatos. Melissa decidira, após contar à mãe sobre a mulher de longos cabelos negros que morava dentro das paredes do quarto, que ela jamais saberia do gato.

A mulher de cabelos negros era a dona do gato. Toda noite, seu corpo atravessava a parede com o felino nos braços, acariciando suas duas cabeças com uma mão longa e o depositava sobre a cama de Melissa. Enquanto a mulher sentava em uma poltrona, as patas brancas do gato subiam pelo corpo da menina. Ele puxava os lençóis sob os quais ela escondia o rosto e a encarava como se a desafiasse. No início, Melissa ainda pensou em brincar com o gato, apesar da bizarria das duas cabeças. Mas desistiu ao observar as duas bocas pequenas se deformando em um riso demorado, revelando dentes finos e pontiagudos. Melissa se encolhia. O gato zombava de sua pouca sorte? Seus olhos vermelhos a faziam tremer. Ele parecia desenrolar o medo de Melissa como outros gatos desenrolariam novelos de lã.

Às terças e quintas, a menina tinha encontros com um homem velho, magro e de barriga pontuda. Os encontros começaram depois que contou à mãe sobre a dona do gato. A mãe a levava para ver o homem e esperava numa sala pequena, junto a outras pessoas, enquanto a filha entrava na sala maior em que ficava o velho. Ele fazia muitas perguntas com sua voz sibilante, irritando Melissa. Perguntava sobre a mulher que vivia na parede e tomava sua mão pequenina entre as suas, feias e enrugadas, causando-lhe asco. Dizia que era seu amigo e que ia ajudá-la. Mas Melissa desconfiava dele, vendo no sorriso do velho o sorriso do gato.

Melissa preferia o silêncio. A mulher que vivia na parede nunca lhe dizia nada, como se a ignorasse. Passava por ela,

indiferente, enquanto os olhos vermelhos do gato, estáticos, fitavam seu rosto como se enxergasse ali toda sua fragilidade. Quanto aos olhos da mulher, a menina nunca os via porque a mulher era alta e Melissa muito pequena. Apenas maior que o gato.

A mãe de Melissa, tão alta quanto a mulher que vivia na parede, falava coisas que a enristeciam. Dizia que a mulher não existia e que a menina apenas sonhava com ela. Que ninguém poderia viver dentro de paredes e que só uma menina idiota e estúpida como Melissa poderia ter tal pensamento. Forçava as mãos da filha sobre as paredes para comprovar o que falava. Melissa tentava correr, mas como era pequena, a mãe a impedia com o próprio corpo. A mãe ria. A menina chorava com as mãozinhas bem fechadas, mas a mãe a obrigava a abri-las, aprisionando as pequenas mãos sob as suas, espalmadas sobre a parede em que a mulher e o gato viviam.

Outras vezes, quando anoitecia, a mãe de Melissa desligava a energia do quarto em que ficavam as paredes nas quais a mulher morava. Empurrava a menina para o interior do aposento, a trancava por fora e encostava-se à porta como um sentinela impiedoso. Sozinha na escuridão, a menina a ouvia dizer que fazia aquilo porque a amava, para que aprendesse sobre a impossibilidade de seus devaneios. A voz da mãe, soando no escuro mais alta que qualquer outra coisa, mandava a mulher aparecer. Melissa tremia. A mãe colava os ouvidos na madeira para escutar os berros desesperados e os socos que a filha desferia na madeira da porta com a violência que seus cinco anos permitiam.

Quando a menina emudecia de cansaço, a mãe a deixava sair. Vitoriosa, observava as lágrimas descendo pelo rosto suado da filha e dizia que não havia motivo para Melissa chorar tanto. Que a menina era insensível por não perceber o quanto suas loucuras a atormentavam e que era a responsável por sua infelicidade.

Melissa, que sempre dormia de luzes acesas, nunca via a mulher ou o gato nas vezes em que a mãe a obrigava. Melissa sabia que eles eram senhores de si e que só apareciam quando queriam. Que era com seu medo infantil que gostavam de brincar, sem a presença de adultos.

Na casa, a mãe de Melissa não dormia mais. Nem a avó ou o irmão mais velho da menina. Melissa acordava a todos no meio da noite. É que o gato passara a pular em sua cama e a fincar sobre seu peito de criança suas unhas afiadas, produzindo feridas, enquanto a mulher da parede sentava-se num canto da cama, lânguida, indiferente a tudo. O felino balbuciava uma confusa linguagem de gato, as bocas gêmeas retorcendo-se de um lado para outro. Era então que se ouviam os berros da menina.

Melissa, com o tempo, passou a olhar mais para a mulher. Começou a perceber no seu rosto, que sempre se mostrava longínquo, traços de familiaridade. Uma noite, percebeu algo que não esperava. Foi quando o gato enterrou mais fundo a unha no peito de Melissa, atravessando o fino algodão da bata, sua pele macia, tingindo o branco de vinho. Num lampejo, a mulher que morava na parede saltou sobre Melissa e esticou a língua, lambendo o líquido viscoso e vermelho que saía do seu peito, olhos fixos nos olhos da menina. Melissa reconheceu aqueles olhos. Gritou.

Quando a porta se abriu e a mãe apareceu com seu rosto assustado, desperta pelo desespero da filha, o gato e a mulher já haviam sumido. A mãe correu para Melissa, mas a menina, com a bata em frangalhos, se esquivou. Armou-se com a primeira coisa que viu em sua frente, o garfo da última refeição. Pôs-se de pé sobre a cama, preparada para atacar se a mãe desse mais um passo. Descobrir a verdade. A mãe e a mulher que vivia na parede eram a mesma pessoa. A mãe era a dona do gato.



# 3. Polarização

Algum Lucas

De um ponto de vista cotidiano, com a cada vez maior importação de pseudoorientalismos e filosofias holísticas, como afirmar que os modos de sentir estão polarizados? Mais do que simples — inevitável: o desejo sumário por uma plenitude projetada, pela transcendência austera, apesar de há muito presente na humanidade e em suas diversas religiões, ressurgiu, então, na era do consumo desvairado, compulsivo. E as implicações disto podem ser resumidas assim: se não me sinto ainda austero, deveso extasiado ao consumir este sonho; daí, frustro-me ao perceber a inquestionável impossibilidade da transcendência através do consumo; e, enfim, prostro-me, abúlico, até que me acometa um novo sonho capaz de extasiar. Estabelece-se, portanto, um sistema hermético que me mantém literalmente viciado nas doses cientificamente dopaminadas de utopias que consumo — passo a viver sem escapatória no paradigma antipodal do êxtase e da abulia.

Exemplos não faltam: o contraste das reações a trailers de *blockbusters* com as dos filmes em si; as expectativas frustradas dos tripulantes de *hype* trains de jogos digitais, smartphones e uma miríade de outros produtos informáticos; os contatos interpessoais por aplicativos de encontro; o que se espera da arte... Entretanto, magnânimo por sua enorme repercussão e "materialidade", por assim dizer, comparado aos exemplos supracitados, é fantástico o caso do festival Fyre, que gera documentários, ensaios, vídeos e artigos que fascinam o público ao revelar o quão simples foi

criar opulência a partir de imagens e estratégias básicas de marketing digital.

Logo, põe-se em pauta a tão falada "cultura de fãs", ou *fan culture*, simbioticamente associada ao que se denomina hoje "cultura pop". Da explosão de filmes de super-heróis à sacralização de celebridades digitais e os infames *digital influencers*, esta cultura pop passa a definir-se por tudo aquilo que pode ser vendido a um grande público, já que aos pequenos há nichos de mercado como cult, hipster e business, *ad infinitum*. O problema que surge aqui, porém, é o de que, se todos são nichos de mercado, todos almejarão vender ao maior público possível, de modo que, em última instância, ao mesmo passo em que buscam criar a sensação de originalidade e exclusividade, esforçam-se ao máximo para devir cultura pop amplamente democratizada.

Pode-se articular que, por meio da estetização pornográfica do desejo que me pus a aceitar como o meu próprio, passo a interagir com o mundo de uma maneira paradoxalmente exclusiva e inclusiva, pois me bombardeia com as narrativas perspectivistas de outros, só para tentar me convencer de que **a gente** é um coletivo homogêneo. Eu e o outro tornamo-nos, por conseguinte, ascetas radicais das imagens que a gente mesmo ajudou a santificar, e a gente passa, enfim, a adorar a ideia de que as diferenças entre o eu e o outro servem apenas a ilustrar o quanto é lindo a gente ser um só — a gente deseja as mesmas coisas, consome as mesmas coisas e, no final, acaba por

sentir as mesmas coisas. "Mas eu não sei se é isto o que eu quero..." E nasce um novo hobby, e eu, mais uma vez, construo com o outro um a gente programado para a única tarefa que resta: manter-me só suficientemente extasiado para logo retornar à abulia calculada que não me permite senão o desejar alcançar o êxtase.

O problema que surge deste paradigma, contudo, expressa-se da mesma forma que o do desejo de amar e relacionar-se com o outro ou com a própria corporalidade: mesmo se consciente da situação em que me encontro, sou só capaz de operar através dos mecanismos do consumo, afinal, consumi-os a vida toda; e, rapidamente, encontro do outro lado do mundo — literalmente, neste caso — a minha resposta. Acontece que sou só capaz de consumi-la como outrora consumia a vontade de um filme, de um corpo, de um jogo. E, de resposta em resposta, permaneço incapaz de me deter tempo o suficiente na pergunta "o que desejo?", de modo que, num instante, já estou convencido, devoto da ideia de que preciso tornar-me um com a luz, com o universo, com o outro — preciso aceitar e só então serei capaz de estar em paz como estão nas imagens que consumo aqueles povos orientais (sem nunca ponderar sobre os porquês de tantos deles serem autocracias há tanto tempo).

Publicam-se, então, as fotografias do meu momento de meditação, da minha refeição orto-ovo-lacto-etcetariana, da minha prática milenar de ioga. Continuo sem saber sobre mim as respostas àquilo que digo aos

meus milhares de amigos e seguidores saber sobre tudo. *Videor ergo sum*.

"Hoje, o mundo não é um teatro no qual são *representadas e lidas* ações e sentimentos, mas um *mercado* onde se expõem, vendem e consomem intimidades. O teatro é um lugar de *representação*, enquanto que o mercado é um lugar de *exposição*. Assim, atualmente representação teatral dá lugar à exposição pornográfica" (HAN, 2017, p. 80).

Os futuros distópicos pós-modernos cedem lugar, então, às utopias do meu presente imediato: "a resposta estava dentro de mim esse tempo todo...". A ansiedade vigente não me permite não ser o meu máximo agora — o meu melhor eu. O mundo é o que eu faço dele e eu sou especial, sou a força transformadora do mundo e comprometo-me comigo mesmo e com o mundo a finalmente aceitar meu papel importante nesta incrível narrativa que se desvela: meu eu iluminado há de descer à terra e messiamicamente revelar as verdades do mundo aos que ainda não foram capazes de percebê-las — extingo os mistérios da origem do universo e das pirâmides (e, sobre isto, faltam apenas duas pessoas no meu time, com uma entrada de meros trezentos dólares para que possamos cocriar uma network de viagens humanitárias a Dubai que será capaz de mudar o mundo! Quer participar?).

Exponho meu cinismo como quem escreve a partir de um ponto de vista saturado e recorro à arte para exemplos honestos e

substanciais: Sabrina, de Nick Drnaso; o cinema *quirky* de Wes Anderson; o próprio metamodernismo. Com Sabrina, uma maneira de observar as lacunas de sentimento num mundo incorpóreo; com Wes Anderson e o metamodernismo, tentativas desesperadas de se engajar emocionalmente apesar dos pesares, do artifício, das distâncias.

Há quem mencione termos de pós-verdade, pós-humano, pós-história, pós-pós-modernidade, pós-de-pirillim-pim-pim — talvez já seja o caso de se dizer algo além da história, mais história do que ela própria: ultrahistória. Etimologicamente "o que está além do relato, da crônica". Desta maneira, o *videor ergo sum* é existência ultrahistórica que me relega ao espaço de um sentir anacrônico em que não há senão ferramentas para extasiar-me. Ao almejar o êxtase transcendental, então, toda a minha sensibilidade faz-se abulia, amor ou ódio — ou seja: ou sou indiferente ou dependente químico. Se sou especial, por que me sinto insignificante? Se somos todos iguais, por que me sinto tão diferente? Se somos todos irmãos, por que erijo muros tão altos e muno rifles tão caros?

Existir ultrahistoricamente é viver por intermédio dos *duplimentamentos* (do *doublethink* de 1984, de Orwell). E é aqui que se explicita Flusser acerca da revolução técnica atual tratar-se de uma simulação de processos mentais: meu avatar e minha representação digital são o que me permite — literalmente — simular interações que nunca acontecem, mas que tomo como mais reais do que as minhas relações corpóreas. E estas vão se esvanecendo, já que busco identificar-me sempre mais com o meu avatar do que com o que quer que seja que eu possa chamar de eu. Logo, o irmão, o amigo de infância e o amor da minha vida detêm o mesmo status do fulaninho que curte as minhas fotos de perfil, a gente é igual e homogeneamente amigos e o valor da gente torna-se metrificável e pornográfico, a gente vira um produto da gente mesmo e se retroalimenta do

consumo da própria identidade.

O melhor herói é o que tem o melhor vilão, e eu, se me quiser herói da minha utopia presente, preciso aceitar coexistir com o vilão da distopia contemporânea. *Duplimento*, então, fazer parte do paraíso, sabendo-me habitante do inferno que é saber-me só — e inevitavelmente — eu. Digital:mente

"Estrangeiro (e estranho) é quem afirma seu próprio ser no mundo que o cerca. Assim, dá sentido ao mundo, e de certa maneira o domina. Mas o domina tragicamente: não se integra. O cedro é estrangeiro no meu parque. Eu sou estrangeiro na França. O homem é estrangeiro no mundo."

Natural:mente - Vilém Flusser

[buscando arquivos corrompidos]:

...

Nativo

é quem migra seu próprio ser à rede que o cerca. Assim, não tem de dar sentido ao mundo e é pego na rede — gloriosamente: é integrado.

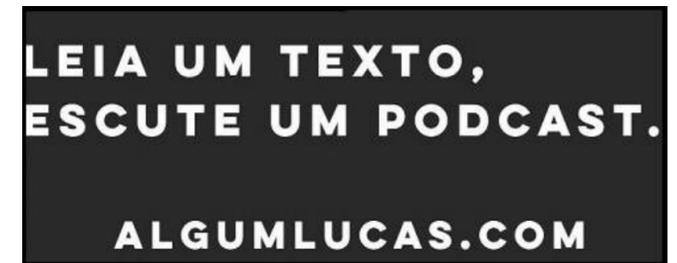
Meu avatar é nativo em toda rede.

Eu fico estrangeiro em mim.

E o homem permanece estrangeiro no mundo.

## REFERÊNCIAS

HAN, B. **Sociedade da transparência**. Editora Vozes, 2017, p. 80.



# Um diálogo improvável em três movimentos

Guilherme Foscolo e Alessandra Barbosa Adão



Escrito em 1949, o ensaio “Crítica Cultural e Sociedade”, de Theodor Adorno, tornou famosa a expressão (muito referenciada e também frequentemente mal compreendida — em parte, por culpa do próprio Adorno), de que “escrever poesia após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas”<sup>1</sup>. Adorno persegue o problema (ou é perseguido por ele) em algumas ocasiões, e chega a revisá-lo em 1966 na *Dialética Negativa*: “o sofrimento perenizante tem tanto direito à expressão quanto o martirizado tem de berrar; por isso, é bem provável que tenha sido falso afirmar que depois de Auschwitz não é mais possível escrever nenhum poema”<sup>2</sup>. Por fim, o percurso reflexivo desdobra-se, na *Teoria Estética*, em uma estética da dor — e, até mesmo, numa interdição do prazer estético: “quem saboreia concretamente as obras de arte é um filistino; expressões como ‘festim para os ouvidos’ bastam para convencer. [...] na realidade, quanto mais se compreendem as obras de arte, tanto menos se saboreiam”<sup>3</sup>. Ao referir-se ao poema/poesia, Adorno lança mão de uma sinédoque – refere-se, pois, também à arte e à cultura de forma mais ampla, ainda que as referências artísticas/culturais de Adorno, como já se sabe, dificilmente (para não dizer jamais) alcancem a periferia do Capital. Mas alto lá: este texto não quer ser somente mais um texto a somar-se às vozes críticas que acusam o filósofo de Frankfurt, já há algumas décadas, de elitismo, conservadorismo ou reacionarismo estéticos — até mesmo porque, por aí, nada se ganha. Trata-se, antes, de repensar alguns conceitos de Adorno por meio de um diálogo improvável

com Audre Lorde e Conceição Evaristo — a partir destes três movimentos: 1. arte como barbarismo; 2. arte como expressão do sofrimento; 3. arte como mônada social.

### 1. arte como barbarismo

É importante lembrar que “Crítica Cultural e Sociedade” é um texto que coloca um mesmo problema para a crítica “imaneente” e “transcendente” da cultura: isto é, a crítica ainda opera a partir de uma cultura que *fracassou* (desde dentro ou, no caso da transcendente, como se pudesse realizar-se “por fora”). O fracasso da cultura, diz Adorno na *Dialética Negativa*, está em Auschwitz “ter podido acontecer no cerne de toda tradição e cultura, da arte e das ciências esclarecidas. [...] Toda cultura depois de Auschwitz, inclusive a sua crítica urgente, é lixo”<sup>4</sup>. Barbarismo, nesse sentido, acena para uma cultura que, como um *todo*, não somente não foi capaz de evitar o holocausto, mas que engendrou o holocausto como um desdobramento de si mesma (suspeita que já se encontra na *Dialética do Esclarecimento*, texto publicado por Adorno e Horkheimer em 1944). Acontece que, nos dias atuais, já não é possível ler Adorno sem alguma desconfiança: diante de afirmações que parecem forçar a posição da arte (e da cultura em geral) como barbarismo, somos levados a nos perguntar se não seria provável que Adorno tenha tomado o todo pela parte e, em se referindo à arte pequeno-burguesa ou às produções da indústria cultural, tenha perdido de vista as formas de vida (e cultura) para as quais — para emprestarmos a expressão de Audre Lorde – a poesia não é um luxo.

### 2. arte como expressão do sofrimento

Há aí duas considerações interessantes. A primeira delas: em arte, não somente o consumo é de classe, mas classista é também a própria produção. “De todas as formas de arte, a poesia é a mais econômica”<sup>5</sup>, diz Audre Lorde em “Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença,” um texto de 1980. Sobre a poesia, ela prossegue: “é a mais secreta, a que exige menos esforço físico, menos material, e a que pode ser feita nos intervalos entre turnos, na despesa do hospital, no metrô, em sobras de papel. [...] a poesia tem sido a principal voz dos pobres, da classe trabalhadora e das mulheres de cor”<sup>6</sup>. A arte como barbarismo, nesse sentido, guardaria assim ainda um outro segredo — o barbarismo que faz sobrepor, e que até mesmo oculta, a poesia dos despossuídos. A formulação/expressão do sofrimento não é nem o único, nem (talvez) o principal elemento de uma poesia, por assim dizer, periférica. Escrever também pressupõe um processo de auto inscrição/auto formulação e contranarrativa, o que se evidencia, por exemplo, na seguinte passagem de Conceição Evaristo:

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do

sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.<sup>7</sup>

O conceito de “escrevivência” pressupõe, ainda, uma estratégia de subsistência marginal — não só individual, mas também, e principalmente, de coletividades (com o perdão da redundância, compartilhadas); e, por fim, pressupõe atividade de subversão/insubordinação (de que já consiste a própria subsistência – não se existe “passivamente”). E daí chegamos à segunda consideração, e que tem a ver com certa passividade atribuída por Adorno à poesia (e, por extensão, à arte) — e com o fato da discussão sobre a capacidade (ou incapacidade) da arte representar “adequadamente” o sofrimento não ser, desde o ponto de vista desta periferia que a produz, nem fundamental e nem suficiente. Mas essa passividade que aparentemente “escorre” daquele primeiro movimento, da arte como barbarismo (e até mesmo cúmplice de uma cultura que fracassou), para o segundo (arte como expressão do sofrimento), não se cristaliza no terceiro movimento, aquele em que Adorno propõe a arte como mônada

social — é este o movimento que, assim nos parece, pode se encontrar de forma mais promissora com problemas do nosso horizonte histórico.

### 3. arte como mônada social

Para o Adorno da *Teoria Estética*, obras de arte modernas são mônadas sociais cujas tensões internas expressam conflitos sócio-históricos dentro dos quais foram produzidas. A resolução dessas tensões internas à obra escapa à própria obra — isso porque a tensão materializada na obra, embora nela esteja contida, dela não provém (pois que reflete as contradições do mundo). Nesse sentido, é curiosa a afinidade de Adorno, por exemplo no seguinte trecho da *Teoria Estética*, com passagens como a já referida da Audre Lorde (a poesia como forma de arte mais barata etc.), e com o conceito que propõe Conceição Evaristo para a própria escrita como um tipo específico (mas coletivo) de produção, a escrevivência:

O totem das forças investidas na obra de arte, aparentemente algo de subjectivo apenas, é a presença potencial do coletivo na obra, em proporção com as forças produtivas disponíveis: contém a mônada sem janelas. É o que se manifesta da maneira mais drástica nas correções críticas do artista. Em cada melhoramento, a que se vê obrigado, frequentemente em conflito com o que ele considera o primeiro impulso, trabalha ele como agente da sociedade, indiferente quanto à consciência desta. Encarna as forças produtivas sociais sem, ao mesmo tempo, estar necessariamente ligado às censuras ditadas pelas relações de produção, que ele também critica sempre mediante o rigor do métier. Para muitas das situações individuais com que a obra confronta o seu autor deve talvez haver permanentemente à disposição uma pluralidade de soluções, mas a diversidade de tais soluções é finita e perceptível em toda a sua extensão. O métier põe os limites contra

a infinidade nefasta nas obras. Define concretamente o que se poderia chamar, com um conceito da lógica hegeliana, a possibilidade abstracta das obras de arte. Eis por que todo o artista autêntico se encontra obcecado com os seus procedimentos técnicos; o fetichismo dos meios tem também o seu momento legítimo.<sup>8</sup>

A esta atividade de condensação das relações sócio-históricas em obras de arte (em específico), e em produtos humanos (em geral), corresponde também o conceito de *tecnopolítica*.<sup>9</sup> A tecnopolítica diz respeito aos limites sociais de produção dos objetos humanos, na medida em que estes objetos são sua expressão. Adorno diz das obras de arte que são “mônadas sem janelas”, na medida em que seu horizonte de produção não necessariamente é capturado pela consciência (ainda que esta também seja um produto deste horizonte) daqueles que as produzem (ou delas/ com elas fazem uso/interagem). O mesmo, aliás, vale para todos os objetos tecnopolíticos (e que não se reduzem às obras ditas de arte). Mas há algo mais nesses objetos, e que talvez tenha escapado a Adorno pela forma que ele mesmo imprime ao conceito de mônada social. Para Adorno, as obras ditas de arte guardam um conteúdo de verdade que só se torna acessível por mediação reflexiva (filosófica), e que se constitui do esgarçamento entre a. as forças em conflito materializadas na obra, e b. o vigor com que a própria obra se volta contra essas mesmas forças. A obra, assim, insistentemente remete – a partir de si mesma — para fora de si mesma.

Essa disposição, por assim dizer, hermenêutica da *Teoria Estética* torna difícil perceber duas características embutidas em quaisquer objetos tecnopolíticos: **a.** aquelas forças que

nos afetam/e que por nós também são conformadas e que se materializam no bloco de sensações que Deleuze chama de perceptos; **b.** que essas forças — e que se transmitem *entrecorpos* — são materializações de um campo em disputa (de *formas de sentir/perceber*), aquilo que Rancière tão bem recuperou como a dimensão estética inerente a toda política. Tais forças, e que podemos chamar de tecnopoéticas, são forças que não se conformam a uma leitura de totalidade, como aquela que Adorno avança, por exemplo, na *Dialética do Esclarecimento*, no artigo de *Prismas* com que abrimos este texto e em outros lugares, pois que condensam sensibilidades em *disputa* — a sua própria existência é, a propósito, evidência de uma disputa em movimento. Para a tecnopoética, importa menos o aceno da arte para uma (re)conciliação possível (seu horizonte, o de um futuro imaginável, guarda em si — virtualmente — o próprio esgotamento da obra em sua realização), e importa mais a disputa que é travada materialmente no próprio objeto, mas que jamais se encerra no próprio objeto — porque, como afeto e como forma de experiência sensível, se transmite (seu horizonte é o presente, campo de batalha para os *afetos* que ali concorrem).

Essa disposição, por assim dizer, hermenêutica da *Teoria Estética* torna difícil perceber duas características embutidas em quaisquer objetos tecnopolíticos: **a.** aquelas forças que



**Apoie a reedição da obra de**

**DALCÍDIO JURANDIR**

**>> [www.catarse.me/jaquessedalcidio](http://www.catarse.me/jaquessedalcidio)**



- **Agenciamento Literário**
- **Leitura Crítica de Originais**
- **Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros**

☎ [casaprojetosliterarios.com.br](http://casaprojetosliterarios.com.br)
f @ [@casaprojetosliterarios](https://www.instagram.com/casaprojetosliterarios)

# A luz não é para todes

Jack Metzengerstein

Um youkai geográfico retornou de forma subcutânea, inflamatória e dissoluta

Rasteja, rasteja — fulgura ao morrer nestas entranhas

Mesmo o mais frio fulgor da febre crônica

E com os mesmos espasmos mortos do cascalho

Ele avança sob um fleumático manto

No Triângulo das Bermudas

Na incógnita da partícula x17

Preso em uma rede de paradoxo temporal

Mas avança

Como uma dama preta em h4 num xeque-mate em menos de cinco minutos de partida

Sua orografia fechou o zíper da planície

E abriu os botões da depressão

Querer costurar o lacre desse relevo com um planalto cristalino

Seria esconjuntar o basalto vulcânico — um magma que nunca extravasa

Uma punheta que nunca termina

Uma doçura mais amarga que um suco de pózinho barato

Garfou o tridente na cúpula do limbo

No jazigo de emoções prematuras

Na sepultura que jamais será erguida, mesmo sem que o saiba

Ainda que num degelo iminente

Não é ousado dizer que jamais se liquefará

Avança, avança sob as vozes que o oceano sufocou

E crava em mim obtusas memórias e exaustões

Futuros imperfeitos do participio

Avança, incuba o sangue derramado

Torna-me uma cascata de teus tesouros nodosos

Escava, sulca a pilhagem de ossos decompostos

Os pés cansados

As mãos de um artista

Mas, nesta orografia,

Duas retas paralelas jamais serão concorrentes

Avança, murcha, acende os faróis e acaricia esse aborto romântico

Qual abutre na penumbra

Que, após o aceno

Chora pela alvura

Louva o Sol na etérea altura

E implora, enclausurado na cápsula obscura



O *Funeral da prostituta* narra a história de Maria, uma menina pobre que nasceu e cresceu na roça. O romance passa por diversos temas, como carência afetiva, pobreza, luta e fé, com uma envolvente trama e um final surpreendente.

O livro poderá ser adquirido nas lojas parceiras da Editora Katzen:  
Magazine Luiza - Lojas Americanas -  
Shoptime - Submarino

Sabe aquela chance de concorrer ao "prêmio" de pagar para ser publicado?

Ela **não** vai estar aqui:

<https://linktr.ee/concursosliterarios>

Concursos Literários, há nove anos **não** divulgando antologias que certamente serão omitidas no currículo!

CONCURSOS



LITERÁRIOS

# questões para além do ganso

Diana Joucovski

não é à toa que o homem hétero tenha o costume de descabelar o palhaço o mais rápido possível. há um consenso entre meus amigos homens héteros de que divulgar o famoso descabelar o palhaço faz com que sintam vergonha de si mesmos, logo após o ato, quando são abatidos por uma pequena, mas profunda depressão. enquanto isso, as fantasias de erotismo circundam o toque da nossa campainha, como se fosse preciso ensaiar para visitar a larissinha. no caso do homem hétero, qualquer afago em si próprio que não seja no ganso o impede de assar a mandioca, ou seja, o afago do ganso começa e termina em seu afogamento. curiosamente, os termos para o ato se referem, quase sempre, a uma ação rápida e violenta: bater, matar, afogar, esfregar, esfolar, estrangular, espancar. o erotismo (estado do que é sensual, que busca o prazer pelos sentidos) parece ter sido destinado, há centenas de anos e pelos próprios homens, às DJs mulheres e aos batedores de bolo LGBT. tenho certeza de que, se eu perguntasse a um homem hétero se ele tem o costume de acariciar qualquer coisa que não seja o golfinho, ele iria rir e dizer que, para ele, isso não faz o menor sentido. não é à toa, portanto, que proteger o sabiá antes de cumprimentar a larissinha faça com que muitos homens não consigam empinar suas pipas, ou que as empinem pouco tempo. a sexualidade do homem hétero é de cabo a rabo concentrada no palhaço; algo que soa como uma marchinha de carnaval: quando é, quando é, quando é que o palhaço vai chorar. então uma piada: o que é, o que é, a orelha de um homem hétero, senão um pedaço de carne masculina? o que é, o que é, a barriga de um homem hétero, senão um bolão de carne masculina? o que são, o que são, as pernas de um homem hétero, senão dois pedaços de carne masculina? e o que é, o que é, o que é o masculino no homem hétero, senão um vazio criado só para desejar? ao passo que não podemos medir nossa temperatura sem um mantra de amor-próprio tirado da internet, e os homens homossexuais, infinitamente mais sábios do que héteros nesse sentido, fazem infinitas e pirotécnicas justiça com as próprias mãos (porque parecem ter sido os únicos a descobrirem o erotismo do seu sexo), cada Thomas deste mundo festeja com os amigos como se não devesse, mas já que deve, é melhor pegar uma sanfona e começar a tocar.

### W Auschwitz nie ma pięknych dni

A pouco mais de uma hora desde o aeroporto de Kraków, no sul da Polónia, o percurso no carro alugado até Oświęcim é tenso. Barreiras de pedágio com indicações em um inlegível polonês, estradas em pista simples. Zła droga. Skręć w prawo. Sentido contrário. Os olhares curiosos na fila de espera para entrar no complexo Auschwitz-Birkenau são divididos com ouvidos atentos. Há um rápido controle de segurança, que se resume a um detector de metais. São distribuídos fones de ouvido: um grupo de 20 pessoas será guiado pelas próximas três horas. As palavras do guia são abafadas pela perplexidade. Inaudíveis frente aos absurdos estampados nas paredes, nos corredores, nas memórias de Auschwitz. O horror ecoa pelas vias e becos. Alojamentos camas de palha fotos de prisioneiros latas de combustível uniformes áreas para testes parede de fuzilamento. Silêncio. O banho de gás chegava para todos. Não há dias bonitos em Auschwitz.

Texto e fotografias de **MARCOS MONTEIRO**



*Calcula-se que mais de um milhão e trezentas mil pessoas foram assassinadas em Birkenau.*



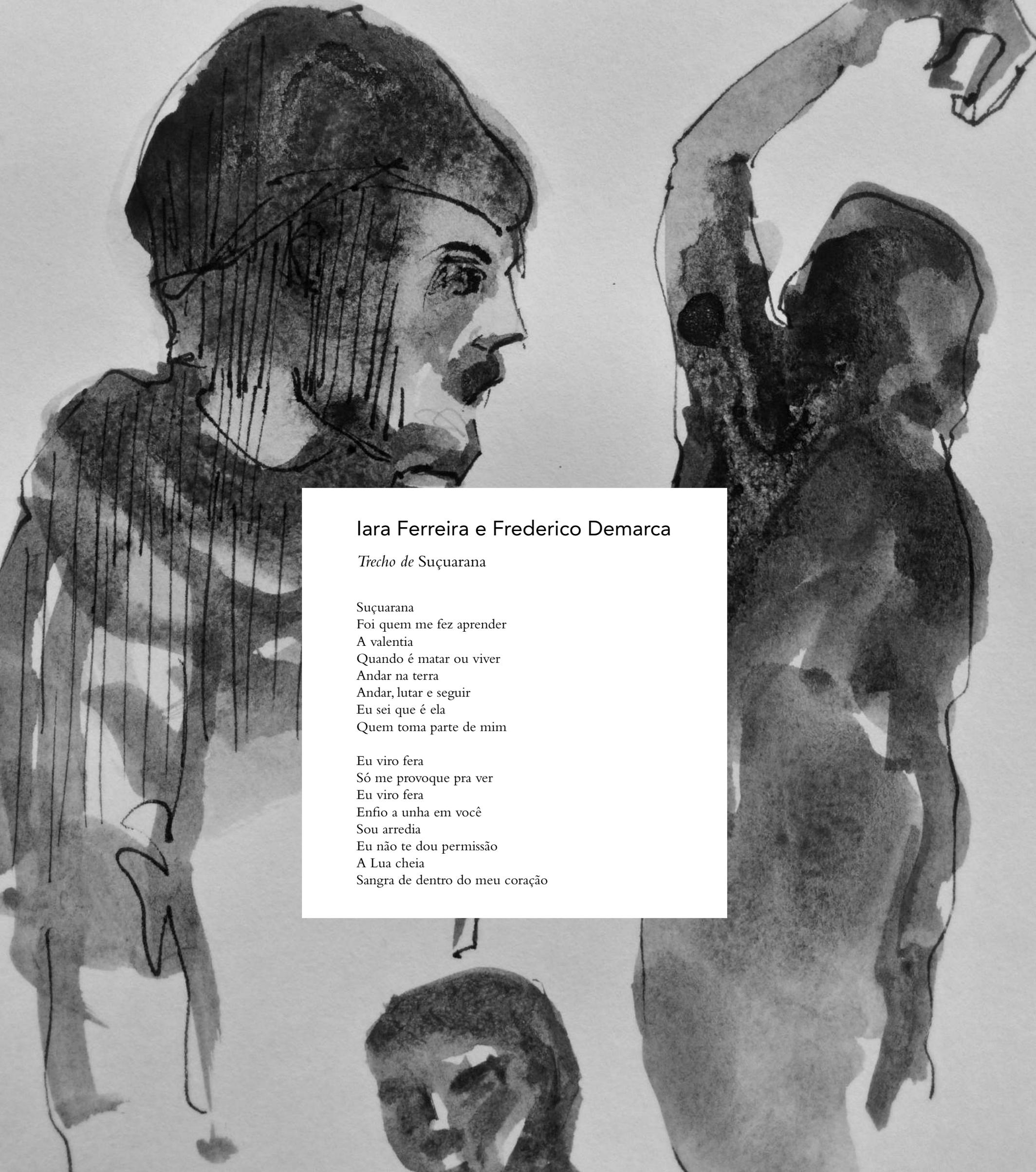
*Prédios de Auschwitz I. Todos os edifícios foram erguidos por prisioneiros.*



*Banheiros comunitários em Auschwitz.*



*Após a morte por gás, os corpos eram queimados. Próteses e muletas não queimavam e ficaram acumuladas.*



## Iara Ferreira e Frederico Demarca

*Trecho de Suçuarana*

Suçuarana  
Foi quem me fez aprender  
A valentia  
Quando é matar ou viver  
Andar na terra  
Andar, lutar e seguir  
Eu sei que é ela  
Quem toma parte de mim

Eu viro fera  
Só me provoque pra ver  
Eu viro fera  
Enfio a unha em você  
Sou arredia  
Eu não te dou permissão  
A Lua cheia  
Sangra de dentro do meu coração